



14º ENEPE UFGD

11º ENCONTRO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

14º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

14º ENCONTRO DE EXTENSÃO

13º ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**REINVENTANDO CAMINHOS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
PARA O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO**

“QUEBRADA QUEER” E A DIVERSIDADE NA POESIA PERIFÉRICA E DIVERGENTE.

Leandro da Silva Oliveira (leandro.dellfino@gmail.com)

Julio Cesar Britez dos Santos (julioc.britez2@gmail.com)

O movimento “Queer” surgiu na década de 90 como o resultado do encontro dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, representa pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero. Influenciado por esse movimento, começam a surgir na cena do Rap americano e brasileiro, músicas-texto que tratam de questões sexistas, além das desigualdades sociais e raciais. Atualmente, existem diversos artistas que se utilizam do Rap como forma de expressar a indignação contra a homofobia e a transfobia, reivindicando visibilidade para as questões de gênero e propondo uma concepção de descentralidade da identidade e uma diversidade na estética do Rap, na qual o enunciador afirma sua condição de marginalizado. O presente trabalho analisou os aspectos poéticos e estéticos de uma música-texto, produzida pelo grupo “Quebrada Queer” nas periferias de São Paulo, abordando as questões de diversidade de gêneros, buscando compreender o Rap, como ferramenta de construção de identidade e de empoderamento desses sujeitos. O aporte teórico partiu das contribuições teóricas de Foucault (1976) e Derrida (1967), especialmente da filósofa Judith Butler (1990) sobre o Feminino e da Teoria Queer. Foi realizado uma abordagem histórica do rap no Brasil, apresentando os seus principais expoentes e a análise uma música-texto do grupo de Rap “Quebrada Queer”. Sendo uma manifestação artística, cultural e contemporânea, o estilo musical denominado Rap, parte da compreensão do contexto social a partir de vivências individuais e coletivas, tomando, desta forma, como matéria poética suas vidas e cultura. Inicialmente, o Rap foi a expressão masculina da periferia. Essas músicas-texto sempre foram produzidas e interpretadas majoritariamente por homens, revelando uma relação de desigualdade no campo de gênero. No final da década de 90, as mulheres começam a criar espaços de performances em uma forma de arte que nasceu como masculina. No início, boa parte delas não elegeram como prioridade questionar a desigualdade social de gênero no Rap ou no cotidiano das



14º ENEPE UFGD

11º ENCONTRO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

14º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

14º ENCONTRO DE EXTENSÃO

13º ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**REINVENTANDO CAMINHOS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
PARA O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO**

periferias. Algumas autoras até negavam que tal desequilíbrio ocorria no Rap nacional. Esse fato que foi se transformando ao passar dos anos. A partir do ano 2000, algumas produções começam a questionar a invisibilidade feminina dando início a uma nova fase no Rap nacional. Impulsionado por essas novas músicas-texto e inspirados no movimento Queer americano, surgem novos autores que se propõem apresentar as discussões a respeito das chamadas “minorias sexuais”.

Palavras-chave: Linguística Queer, diversidade, minorias.